

PSICANÁLISE, DISTOPIA E UTOPIA: CONSTRUINDO UM FUTURO MAIS-QUE-PERFEITO COM SILVIA BLEICHMAR

PSYCHOANALYSIS, DYSTOPIA AND UTOPIA: BUILDING A FUTURE PERFECT WITH SILVIA BLEICHMAR

PSICOANÁLISIS, DISTOPÍA Y UTOPIA: CONSTRUYENDO UN FUTURO PLUSCUAMPERFECTO CON SILVIA BLEICHMAR

Gisele Senne de Moraes¹

Resumo: O artigo buscou destacar a relevância do campo afetivo para a formação do Eu, principalmente, assim como do Supereu, necessários à instauração da lógica do processo secundário, bem como do princípio de realidade. Tendo em vista as transformações na atualidade, de ordem econômica, política, ambiental e tecnológica, acompanhadas de expectativas quanto a um futuro distópico, algumas construções de Silvia Bleichmar foram retomadas, sobretudo aquelas relativas às condições da identificação, para pensar sobre a relevância do plano afetivo na formação do chamado pensamento “racional”, ou seja, aquele pautado pela lógica do processo secundário e sob o princípio de realidade.

Palavras-chave: Identificação. Eu (ego). Processo secundário. Princípio de realidade.

Abstract: The article sought to highlight the relevance of the affective dimension for the formation of the Ego, mainly, as well as of the Superego, both necessary for the establishment of the logic of the secondary process, as well as the principle of reality. In view of the current transformations, of an economic, political, environmental, and technological nature, accompanied by expectations regarding a dystopian future, some constructions by Silvia Bleichmar were revisited, especially those related to the conditions of identification, to reflect on the relevance of the affective dimension in the formation of so-called “rational” thought, that is, thought guided by the logic of the secondary process and by the principle of reality.

Keywords: Identification. Ego. Secondary process. Principle of reality.

Resumen: El artículo buscó resaltar la relevancia del campo afectivo para la formación del Yo principalmente, así como del Superyó, necesarios para el establecimiento de la lógica del proceso secundario, así como del principio de realidad. Ante las actuales transformaciones económicas, políticas, ambientales y tecnológicas, acompañadas de expectativas sobre un futuro distópico, algunas construcciones de Silvia Bleichmar fueron revisitadas, especialmente aquellas relativas a las condiciones de la identificación, para pensar sobre la relevancia del plano afectivo para la formación del pensamiento llamado “racional”, es decir, aquel guiado por la lógica del proceso secundario y bajo el principio de realidad.

Palabras clave: Identificación. Yo. Proceso secundario. Principio de realidad.

¹ Psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, doutora e mestre em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da USP, onde estudou a obra de Silvia Bleichmar. ORCID: 0000-0002-6578-4200. E-mail: gimoraes@uol.com.br

O pretérito mais-que-perfeito na língua portuguesa é o tempo verbal que indica o passado de um passado, ou seja, que algo aconteceu antes de outro evento ter ocorrido. E se houvesse um tempo verbal que indicasse o futuro do futuro, será que poderíamos denominá-lo de *futuro mais-que-perfeito*? O futuro do futuro é o que está sempre à frente, sempre além de nosso alcance, tal como o horizonte é para o espaço. O futuro do futuro só pode ser “materializado” na imaginação; seria tal como um destino temido do qual se foge ou como um sonho desejado — para si (uma vida melhor) ou para o mundo (uma utopia), por exemplo. O futuro do futuro pode nos guiar adiante ou nos paralisar, por medo ou pelo desejo de que algo se torne melhor; pode gerar angústia, assim como desejo por transcendência, por continuidade, por esperança.

O futuro distópico² ora vislumbrado se presentifica com as rápidas e aceleradas transformações na atualidade, impulsionadas pela recorrência de eventos climáticos extremos e por uma miríade de inovações tecnológicas que já foi capaz de transformar hábitos, cultura e o próprio sistema econômico que fomentou as duas frentes. Fala-se hoje em um *tecnofeudalismo* (Varoufakis, 2025) emergente das entranhas de um desgastado capitalismo. Fato é que o mundo que vivemos não é mais o mesmo da virada do século, em que o humano era um valor máximo defendido em diferentes correntes de pensamento. O termo *pós-humanismo* (Nayer, 2023) caminha nessa direção, designando ora um trans-humano, no qual a conjugação da biologia com a tecnologia transcenderia o meramente humano, ora questionando a superioridade do valor humano sobre as demais espécies³. De qualquer forma, penso que o pós-humanismo traz à baila os limites da humanidade e sugere aspiração por transcendência, mesmo que não sejamos nós, humanos, os herdeiros da Terra. Ora, não deixa de ser um acalanto saber que a vida floresceu por meio da abundante vegetação que invadiu a cidade de Chernobyl, esvaziada de humanos. É sempre bom lembrarmos que o futuro distópico que ameaça de extinção muitas espécies, inclusive a nossa, não ameaça necessariamente a presença de vida no planeta. Há futuro após a distopia? Sugiro que imaginemos um *futuro mais-que-perfeito*, uma utopia pós-distópica em que haverá humanos, tanto mais cientes de seus limites quanto mais respeitosos com essa esfera coabitada que chamamos de lar.

Quando tomei conhecimento do número da *Sig Revista*, que homenageia Sílvia Bleichmar, não consegui imaginar homenagem melhor do que esta: propor reflexões sobre o fazer psicanalítico tendo em vista as transformações anunciadas na atualidade, cujo ar distópico sentimos em nós e na clínica, indiferentemente de quais sejam as reações diante desse futuro já presente: negação, euforia, angústia paralisante, depressão, desesperança... Busco, para tal, posicionar em primeiro plano o aspecto que defendo ser o mais relevante no trabalho do psicanalista: aquele relacionado aos afetos, ao emocional. Isto porque entendo que este

² As expressões *utopia* e *distopia* são usadas aqui em sentido amplo, tal como apresentadas no dicionário Houaiss on-line (Houaiss, s.d.).

Sobre utopia, destaco os sentidos 1, 2 e 5 do dicionário em questão:

“1 lugar ou estado ideal, de completa felicidade e harmonia entre os indivíduos; [...]; 2 qualquer descrição imaginativa de uma sociedade ideal, fundamentada em leis justas e em instituições político-econômicas verdadeiramente comprometidas com o bem-estar da coletividade [...]; 5 [...] em sociólogos como Karl Mannheim (1893-1947) ou filósofos como Ernst Bloch (1885-1977), projeto alternativo de organização social capaz de indicar potencialidades realizáveis e concretas em uma determinada ordem política constituída, contribuindo desta maneira para sua transformação.”

Sobre distopia, o dicionário apresenta dois verbetes. Apresento abaixo o segundo:

“1 lugar ou estado imaginário em que se vive em condições de extrema opressão, desespero ou privação; [...] 1.1 qualquer representação ou descrição de uma organização social futura caracterizada por condições de vida insuportáveis, com o objetivo de criticar tendências da sociedade atual, ou parodiar utopias, alertando para os seus perigos [...]”

³ Dentre autores que escrevem (ou falam) sobre a humanidade na sociedade atual, bem como sobre transformações que poderão advir de avanços tecnológicos estão: Bruno Latour (*Diante de Gaia*, 2020), Byung-Chul Han (*Sociedade do cansaço*, 2017), Donna Haraway (*O manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX*, 2009) e Yuval Noah Harari (podcast *Human evolution and AI Revolution*, 2024).

plano seja central à constituição do psiquismo e, como tal, à apreensão da realidade. Neste sentido, trata-se de fator decisivo para que nós, humanos, consigamos perceber os riscos que nos ameaçam e, assim, tenhamos condições de atuar sobre a realidade. Essencial, portanto, para que haja um futuro do futuro. Empreendo esse breve mergulho sobre a importância do plano emocional para a constituição psíquica e para a apreensão da realidade nos próximos parágrafos, com a ajuda de Freud, Ferenczi e, sobretudo, com o auxílio de Silvia Bleichmar.

Dessa forma, começo com o pensamento de Freud em *A negação* (2011a), uma vez que, nesse material, Freud sugere que a função de juízo contempla duas decisões: a de adjudicação (ou de atribuição) e a de existência na realidade, sendo a primeira precedente à segunda. O juízo de atribuição decide se algo é bom ou mau, podendo ser incorporado ou expulso, ao que Freud aproximou da “linguagem dos mais antigos impulsos — os orais”. Decide-se, assim, se algo deve estar dentro ou fora, uma vez que o Eu de prazer original introjeta tudo que é bom e exclui o mau. Mas há outra decisão na função de juízo, que diz se a coisa representada existe na realidade (externa, compartilhada). A existência na realidade é do interesse do Eu realidade definitivo, que “se desenvolve a partir do inicial Eu de prazer”. Ou seja, a primeira decisão tem como modelo os impulsos orais; somente depois o objeto representado passa pelo julgamento de realidade. Assim, o que está em jogo é se o que está representado pode ser reencontrado na realidade, não mais se algo pode ser acolhido ou não no Eu-de-prazer a partir de seu atributo de bom ou mau.

Se consideramos que o bom se relaciona com o que pode ser vivido satisfatoriamente e o mau com o que não satisfaz, depreende-se que a representação, para a psicanálise, não pode ser pensada desconectada do aspecto econômico, uma vez que prazer e desprazer estão em sua origem. Ou seja, a representação, para a psicanálise, é animada pela libido, pelas pulsões, pelos afetos, enfim, pela energia circulante no psiquismo... Penso que esta passagem abre a perspectiva de que o ato de conhecer depende do afetivo. De qualquer forma, para que uma percepção possa se tornar uma representação a ser reencontrada, é fundamental que seja aceita. Na clínica, tal compreensão nos ajuda, por exemplo, em casos de delírio paranoide. Por mais insano que seja o discurso dos pacientes, não nos cabe duvidar da verdade do relatado,⁴ o que não significa que não possamos — e devamos — colocar questionamentos. Rejeitar a percepção de um paciente sugere a dificuldade de compreensão de que algumas percepções não chegam a ser representadas como tal.

Apresento uma passagem de Ferenczi em *Contraindicações da técnica ativa* (2011), que entendo conversar com a passagem freudiana sobre a função de juízo no texto *A negação* (2011a). Vejamos:

Considerando sob o ângulo lógico-intelectual, tudo isso é de natureza “transcendente”. Ora, nós somos levados a substituir esse termo de ressonância mística por expressões como “transferência” ou “amor”, e a afirmar afoitamente que o conhecimento de uma parte da realidade, talvez a mais importante, não pode converter-se numa convicção pela via intelectual, mas somente *na medida em que ela estiver em conformidade com a vivência afetiva* [grifos do autor]. Apresso-me a acrescentar, a fim de não deixar triunfar por mais tempo os adversários do conhecimento e da ciência, que o conhecimento da importância do elemento emocional constitui em si mesmo um conhecimento e que, portanto, nada temos a temer quanto ao futuro da ciência. Sinto-me pessoalmente convertido ao positivismo freudiano e prefiro ver em vocês, que estão sentados diante de mim e me escutam, não representações de meu ego, mas seres reais com os quais posso identificar-me. *Sou incapaz de demonstrá-lo logicamente, mas, se, apesar de tudo, estou convencido disso, devo-o a um fator emocional* [grifos meus] — se assim quiserem —, à transferência (Ferenczi, 2011, p. 412)⁵.

⁴ Remeto à leitura do artigo “Três aspectos de Eros em Silvia Bleichmar” (Moraes; Coelho Jr., 2019).

⁵ Agradeço a Nelson Coelho Junior por mencionar esta passagem em apresentação online no GBPSF Convida, em 22/02/2025, evento organizado pelo Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi.

Destaco que, na citação, apesar de se posicionar a favor do positivismo freudiano, afastando riscos de se aproximar do místico, *o autor afirma que o próprio ato de conhecer uma parte da realidade dependeria de um fator emocional*. A convicção de que o que vemos existe no real, e não apenas em nós, constitui-se, afinal, a partir de fatores emocionais.

Silvia Bleichmar trouxe contribuições importantes se desejamos nos aprofundar na ideia de que a apreensão da realidade depende de fatores relativos ao emocional. No livro *En los orígenes del sujeto psíquico* (1986), a autora, ao retomar as noções de crença e de convicção delirante, afirma que o próprio Eu seria um sistema de crenças:

¿no es el yo un sistema de creencias acerca de sujeto y de los vínculos de este sujeto con el mundo? Entendida así, la creencia sería el modo fundamental con el cual la realidad se recubre, realidad dispersa y desorganizada antes de la constitución del yo, el cual, mediante los procesos descritos por Freud como de ligación e inhibición del estímulo, constituiría no sólo la sede de la creencia, sino que el sistema de creencias mismo sería el yo (Bleichmar, 1986, p. 154).

Ora, se o Eu pode ser pensado como um sistema de crenças sobre si e sobre o mundo, a possibilidade de que existam convicções acerca da existência de uma realidade compartilhada passa por sua formação, que é sustentada por fatores emocionais — condição necessária, mas não suficiente, como veremos adiante. Silvia Bleichmar trabalhou essas ideias em muitos momentos de sua obra. Busco apresentar, nos próximos parágrafos, a importância da formação do Eu, para que haja conjuntura à subsequente instituição do princípio de realidade e, consequentemente, para a apreensão de uma realidade compartilhada, fazendo um percurso dentro do pensamento da autora.

No seminário *La construcción del sujeto ético* proferido em 2006, Bleichmar (2016) fez articulações entre o Eu e a possibilidade de este entrar em contato com a realidade, destacando a existência de duas vertentes em Freud: uma em que a realidade se imporia na medida em que não haja mais possibilidade de a representação ser a resolução da tensão, tal como em *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico* (2010b); e outra em que é necessário que algo se estabeleça para que a realidade não seja invadida por representações inscritas (alucinação), tal como em *Projeto para uma psicologia científica* (1996). Assim, no primeiro texto mencionado, a insuficiência da alucinação primitiva como forma de resolução da tensão do organismo seria um importante precursor para a instalação do princípio de realidade. Freud, diz Bleichmar, estaria falando do autoconservativo, porque é a realidade da fome, da tensão do organismo, que não se resolve mais com a alucinação primitiva. Adicionalmente, a autora assinala que, na segunda tópica, a “realidade” seria a do temor relacionado à perda de uma parte valorizada do corpo, a partir do conceito de castração, mas esta já não seria mais do campo do autoconservativo, posto que relativa à autopreservação da imagem narcísica. Em *Projeto para uma psicologia científica* (1996), por outro lado, o Eu seria condição para a própria apreensão da realidade, na medida em que é justamente o que se forma com o estabelecimento de conexões que freiam avanços de representações inscritas sobre a realidade. Apesar de o Eu, nesse modelo, não ter contato direto com a realidade (externa), relaciona-se com esta de forma indireta, na medida em que deixa a percepção livre para capturar a realidade ao frear o avanço da alucinação.⁶ Lembremos que percepção-consciência foi englobada pelo Eu na psicanálise, como podemos ler em *O eu e o id* (2011b).

Bleichmar também escreveu um texto especificamente sobre as formas como Id, Eu e Supereu se relacionam com a realidade, intitulado “Las formas de la realidad” (2009; originalmente publicado em 2002). Para a autora, o Eu seria a instância que mantém contato com

⁶ Bleichmar sugere que no princípio de realidade, em Freud, algo externo ao psiquismo tem a potencialidade de modificar ou postergar o desejo, neste sentido, seria tal como renúncias pulsionais.

a realidade por contar com a lógica do processo secundário, necessária para a apreensão da realidade. No entanto, a realidade, afirma, é infiltrada pela fantasia, uma vez que o Eu é uma massa ideativa sustentada libidinalmente. Isso implica que a relação sujeito-objeto, para a psicanálise, nunca seria imediata, pois é intermediada pelo campo do psíquico, pelas fantasias.

Contudo, foi no texto “Las condiciones de la identificación” (1995) que a psicanalista trabalhou de forma mais aprofundada com os movimentos que se fazem necessários para que um Eu se forme habitado por um sujeito. A autora introduziu o tema do artigo, a identificação, a partir da ambiguidade existente desde os primórdios de nosso campo entre o Eu percepção-consciência — Eu que percebe e conhece o mundo — e o Eu representação — Eu que é capaz de representar-se a si mesmo, tal como o Eu ideal, um Eu formado por identificações. O artigo buscou entrelaçar os fios entre os dois Eus e, entendendo, representa uma síntese de parte relevante de sua obra, posto que, desde seu primeiro livro, a questão vinha sendo entretecida. Para Bleichmar, o Eu do narcisismo, formado por identificações, que é representacional, é quem garante a existência da lógica do processo secundário característico do Eu percepção-consciência. Assim:

De todos modos, sigue existiendo una dificultad en este punto en razón de que ese yo del narcisismo, constituido por identificaciones, es al mismo tiempo quien sostiene las condiciones de la lógica del proceso secundario: lógica, temporalidad, negación. El fracaso de estas últimas da cuenta del fracaso de la constitución del yo, o de su funcionamiento. Pero no ocurre, por el contrario, que sea el yo el único prerequisite de su instalación. Indudablemente la temporalidad, la espacialidad, el tercero excluido no pueden pensarse sin una superficie de la psique que otorgue valor simbólico representacional a la “materia extensa” del cuerpo, y esta superficie es patrimonio del yo representación. Sin embargo, ella no es suficiente (Bleichmar, 1995, p. 203).

Ora, para que exista um sujeito capaz de conhecer a realidade externa-exterior, faz-se imprescindível que exista um Eu representacional. No entanto, trata-se de condição necessária, mas não suficiente, afirma a autora. Então, retomo a questão: quais seriam as condições para a instalação não apenas do processo secundário, com os requisitos que este envolve (lógica, negação, terceiro excluído, temporalidade), mas igualmente do princípio de realidade? No artigo mencionado, a autora trabalhou com a identificação, ou melhor, com identificações.

Dessa forma, Bleichmar, retomando Freud, destacou a existência de duas acepções para a identificação em psicanálise: o *identificar com* e o *identificar-se*. O *identificar com*, em Freud, seria um mecanismo psíquico relacionado à similitude, que está presente no trabalho dos sonhos ou na transferência, por exemplo. A similitude, diz Bleichmar, é o que permite que existam deslocamentos que enriquecem os investimentos libidinais. No entanto, a acepção predominante no pensamento freudiano seria o mecanismo psíquico do *identificar-se*, aquele descrito em *Luto e melancolia* (2010a), em que há incorporação de um ou mais atributos do objeto que modificam o sujeito.

Com relação propriamente às condições para a identificação, a primeira condição ou, nos termos da autora, a pré-condição para a identificação, é a identificação ontológica dos cuidadores, que identificam a criança como um ser humano. Além disso, identificam a criança como possuidora de determinadas características, tais como gênero, nome, atribuindo-lhe lugar na família e inserindo-a em determinada cultura. Vejamos nas palavras da autora:

La capacidad de la madre de establecer una “identificación” del hijo en el orden de lo humano, en el sentido transitivo, considerándolo como otro humano, establece las condiciones de la “identificación” en el niño. Esta apropiación ontológica, como la denominamos en otros textos es condición de verosimilitud, expresada en el sujeto psíquico como convicción respecto a su propia existencia humana (Bleichmar, 1995, p. 212).

Para que a criança se identifique com as propostas e demandas que lhe são ofertadas (que não se limitam à identificação como humano), é preciso que se estabeleça uma base amorosa na relação da criança com seus cuidadores. É justamente a partir desse ponto que entendendo que o pensamento de Bleichmar é ímpar. Explico-me melhor nos próximos parágrafos.

Antes de a criança poder identificar-se, ela identifica fragmentos sensoriais de experiências de satisfação com novas vivências de satisfação, indícios de prazer e desprazer inscritos, que vão sendo identificados uns com os outros e formam uma trama de inscrições sensoriais que constituem uma primeira vesícula continente, uma espécie de Eu corporal, condição primeira para que exista um dentro e um fora, necessária para pensarmos em incorporação e, consequentemente, no mecanismo de identificação no sentido do identificar-se. Quando há o feliz encontro entre o objeto indiciário de satisfação e o objeto total, a pulsão parcial se metonimiza em amor, afirma a autora. Mas, para que isso ocorra, é imprescindível que o cuidador seja um sujeito cindido pelo seu próprio recalque, enxergando a criança como um todo, não apenas como partes pulsionadas inconscientemente. Esse aspecto é fundamental. O que entendo existir de ímpar em Bleichmar aqui é a possibilidade de pensar em um Eu corporal que se relaciona com a sexualidade indiciária, a partir da articulação entre as sensorialidades excitante e apaziguadora, o que tende a ser deixado, muitas vezes, em um segundo plano por autores que trabalham com a questão da sensorialidade nos primeiros tempos de vida, que mostram a relação adulto-bebê de forma dessexualizada, exceto na existência de abusos ou excessos. Pensar com Bleichmar, assim, é lembrar que a relação cuidador-criança sempre está atravessada pela sexualidade (desejavelmente inconsciente) do adulto e, ao mesmo tempo, incluir a necessidade de que esse cuidador seja capaz de narcisizar a criança (enxergando-a como um todo, não fragmentada libidinalmente) ao lhe propiciar *holding*, o que permite a inscrição de marcas psíquicas apaziguadoras que irão constituir esse primeiro tecido de contenção, que é o entramado de base para a formação do Eu.

Adicionalmente, a formação de um Eu ideal requer que consideremos tanto esse entramado de base quanto o identificar-se com as demandas por renúncias pulsionais advindas de cuidadores. Não quaisquer cuidadores, como mencionado, mas aqueles que se tornam objeto de amor. Aqui temos outro aspecto singular da teorização de Bleichmar, uma vez que a identificação primária envolve também aspectos relacionados às exigências do outro sobre a criança — exigências que frequentemente são languageiras e que se relacionam à pauta do que a criança pode ou não fazer em termos de satisfação pulsional. Assim, a identificação primária em Bleichmar é indissociável do processo de recalque originário⁷ e da formação do inconsciente.

A criança que faz renúncias às satisfações pulsionais inicialmente as faz por amor ao outro, diz Bleichmar. Mas o amor ao outro passa a ser amor a si mesmo, autoestima, quando há identificação com as demandas do outro amado. Nesse modelo, há um reequilíbrio de forças com a formação do inconsciente, de tal maneira que pautações culturais são respeitadas ao mesmo tempo que desejos são realizados por meio de deslocamentos e condensações, ou seja, por intermédio da lógica do processo primário. O Eu, livre da sobrecarga do pulsional, pode investir em outros interesses e operar situado em um tempo e um espaço, já então com a lógica do processo secundário e habitado por um sujeito.

A identificação primária, a meu ver, fornece um centro de equilíbrio ao sujeito. O que não significa que tudo esteja garantido. Faltam à formação da tópica psíquica as identificações secundárias que constituem a consciência moral e os ideais de Eu, fundamentais à estruturação do Supereu. É um fator indispensável à aquisição de maior estabilidade psíquica: “La paradoja consiste en que un narcisismo que no está atravesado por el superyó, que no se constituye en narcisismo secundario, es un narcisismo del cual deviene un yo frágil,

⁷ O recalque originário recalca o pulsional autoerótico nos termos propostos pela autora.

aun cuando su apariencia sea omnipotente” (Bleichmar, 1986, p. 126). Contudo, mesmo a reestruturação do psiquismo com as identificações secundárias não garante a inexistência de instabilidades, uma vez que o jogo de forças no psiquismo está sempre lá, sobretudo considerando que novas inscrições ou retranscrições, inclusive de intensidades, podem acontecer.

No capítulo do livro *En los orígenes del sujeto psíquico* (1986), do qual extraí a citação acerca de o Eu ser um sistema de crenças, Bleichmar trouxe elementos para pensarmos em um descolamento entre processo secundário e princípio de realidade, a partir de sua observação de que há formações inconscientes em crianças pequenas que frequentemente apresentam passagem à motricidade.⁸ O recalcque originário promove uma cisão do psiquismo no sentido de diferenciar os primeiros internos-externos formados pelos representantes pulsionais. No entanto, o funcionamento psíquico normal (o princípio de realidade, sobretudo) não se estabelece em um só movimento.

Já no livro *La fundación de lo inconsciente* (1998), Bleichmar sugere que a diferenciação entre a realidade e a brincadeira na criança se assenta em uma espécie de certeza que esta possui sobre sua própria vitalidade, o que pode falhar em situações traumáticas, como desconexões parentais e vivências com cuidadores sádicos, por exemplo. É interessante apontar que tanto no caso apresentado no livro *En los orígenes del sujeto psíquico* (1986), o caso do adolescente Isaac, quanto no caso de *La fundación de lo inconsciente* (1998), o caso do menino Alberto, repetiu-se a percepção de ausência de lugar familiar aos pacientes.

Trouxe, ao longo do artigo, elementos para pensarmos sobre a relevância do plano afetivo no trabalho psicanalítico, seja na clínica com crianças ou com o infantil do adulto, seja em outras frentes.⁹ Ao fazê-lo, busquei igualmente promover questionamentos sobre como seria possível aceder a uma realidade externa-exterior sem a consideração de tal plano. Evidentemente, parto de uma premissa — se preferirem, de uma convicção —, de que existe uma realidade externa-exterior a nós mesmos, que é compartilhada e, ao menos parcialmente, cognoscível. Assim como de que os discursos sobre ameaças à nossa humanidade não são delírio meu, infelizmente.

As reflexões a partir de Freud e Ferenczi buscaram abrir caminho para a prioridade em levarmos em conta o fator “emocional” como fundamental ao campo psicanalítico, uma vez que não é possível considerarmos nem sequer a origem da representação no psiquismo dissociada da noção de prazer/desprazer. O plano dos afetos está sempre presente em nossos trabalhos, na clínica em consultório, on-line, no trabalho clínico ampliado, mas também em espaços onde a psicanálise contribui de outras formas.

Entendo que Bleichmar, ao ter abordado de maneira mais detalhada o que está envolvido na instauração da lógica do processo secundário e do princípio de realidade, trouxe considerável densidade ao tema. Assim, primeiramente, retomo a ideia de que a realidade nunca é acessada de forma imediata, porque sempre haverá psiquismo atravessado por fantasias. Adicionalmente, o Eu, na medida em que se constitui, é “instrumentalizado” para conhecer o mundo por meio da lógica do processo secundário. Contudo, faz-se premente que o princípio de realidade também esteja em funcionamento, impedindo o avanço das representações, das

⁸ A autora menciona sonhos de crianças pequenas, formações do inconsciente, em que a criança não sabe diferenciar o conteúdo dos sonhos do estado de vigília.

⁹ Destaco a experiência do Grupo de Trabalho e Pesquisa da Geração à Primeira Infância do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, que, criativamente, atua em três frentes junto a pessoas que estão em contato com a primeira infância: (a) em parceria do Sedes com o Programa Einstein na Comunidade Paraisópolis, ofertando atendimentos a grávidas e puérperas; (b) por meio do curso gratuito “Cuidadores de bebês: cuidando de quem cuida”, ofertando qualificação a cuidadores que trabalham com bebês e crianças pequenas (0-3); (c) por meio do trabalho de realização de escuta da coordenação e dos visitantes sociais do PIM (Primeira Infância Melhor) que atuam no município de Alvorada, no Rio Grande do Sul. Maiores informações disponíveis em: <https://sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/index.php?mpg=03.00.04>

fantasias, dos delírios ou das alucinações sobre o externo-exterior. Ora, todo esse processo envolve tanto identificações primárias quanto secundárias.

Retorno, neste ponto, ao “emocional”, ao afetivo, uma vez que o plano dos afetos é o chão das identificações e de todo o processo de formação do psiquismo humano. O erógeno e o amoroso têm que estar presentes tanto na identificação que o adulto oferta à criança quanto na formação da base erótico-amorosa fundamental às identificações primárias e secundárias. O amor também é necessário às renúncias pulsionais fundamentais ao processo de recalque e para sua contrapartida egoica. O ódio, afeto não abordado neste material, também é importante, ao possibilitar separações; contudo, sem equilíbrio amoroso, não há moderação da agressividade¹⁰. Enfim, amor, ódio, ciúmes, inveja, medo, vergonha, asco... fazem parte do palco dos sofrimentos e das alegrias envolvidos desde os primeiros tempos de vida até a formação do Supereu, quando a tópica psíquica se estabelece em maior complexidade. Entendo que nosso trabalho é sobre o afetivo, mesmo que usemos, sobretudo, palavras e linguagem. O afetivo é condição para a formação de nossa capacidade de melhor ler e respeitar não apenas o outro humano, mas o mundo todo à nossa volta.

REFERÊNCIAS

- BLEICHMAR, Silvia. Correlatividad entre represión originaria, identificación primaria y narcisismo primario. In: BLEICHMAR, Silvia. *Las teorías sexuales en psicoanálisis: qué permanece de ellas en la práctica actual*. Buenos Aires: Paidós, 2014. p. 337-61.
- BLEICHMAR, Silvia. De la autopreservación de sí mismo al cuidado del semejante. In: BLEICHMAR, Silvia. *La construcción del sujeto ético I*. Buenos Aires: Paidós, 2016. p. 171-94.
- BLEICHMAR, Silvia. *En los orígenes del sujeto psíquico*. Del mito a la historia. Buenos Aires: Amorrortu, 1986.
- BLEICHMAR, Silvia. *La fundación de lo inconsciente*. Destinos de pulsión, destinos del sujeto. Buenos Aires: Amorrortu, 1998.
- BLEICHMAR, Silvia. Las condiciones de la identificación. *Revista Asociación Escuela Argentina de Psicoterapia para Graduados*, Buenos Aires, n. 21, p. 201-219, 1995.
- BLEICHMAR, Silvia. Las formas de la realidad. In: BLEICHMAR, Silvia. *La subjetividad en riesgo*. Buenos Aires: Topía Editorial, 2009. p. 65-73.
- FERENCZI, Sándor. Contraindicações da técnica ativa. In: FERENCZI, Sándor. *Psicanálise III*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. p. 401-412 (Trabalho original publicado em 1926.)
- FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica. In: FREUD, Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp.375-376 (v. I). (Trabalho originalmente publicado em 1950 e escrito em 1895.)
- FREUD, S. Luto e melancolia. In: FREUD, Sigmund. *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a. pp.170-94. (Obras completas, v.12) (Texto originalmente publicado em 1915.)
- FREUD, S. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. In: FREUD, Sigmund. *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia: (“O caso Schreber”)*, artigos sobre técnica e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b. pp.13-121. (Obras completas, v.10) (Texto originalmente publicado em 1911.)
- FREUD, Sigmund. A negação. In: FREUD, Sigmund. *O eu e o id, “autobiografia” e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011a. p. 275-282. (Obras completas, v. 16.) (Trabalho original publicado em 1925.)

¹⁰ Silvia Bleichmar usa a ideia de “moderação da agressividade” no mesmo sentido apresentado aqui em um dos encontros do seminário que foi publicado com o título *Las teorías sexuales en psicoanálisis: qué permanece de ellas en la práctica actual* (2014).

FREUD, Sigmund. O eu e o id. In: FREUD, Sigmund. *O eu e o id, "autobiografia" e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011b. p. 13-74. (Obras completas, v. 16.) (Trabalho original publicado em 1923.)

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2017.

HARAWAY, Donna. O manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz. *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

HARARI, Yuval Noah. Human evolution and AI revolution. *IMF Podcasts*, out. 2024. Disponível em: <https://www.imf.org/en/News/Podcasts/All-Podcasts/2024/10/01/yuval-noah-harari>.

HOUAISS, Antônio. Distopia. In: *Dicionário Houaiss da língua portuguesa online*, [s.d.]. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/houaission/apps/uol_www/vopen/html/inicio.php/e86/distopia.

HOUAISS, Antônio. Utopia. In: *Dicionário Houaiss da língua portuguesa online*, [s.d.]. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/houaission/apps/uol_www/vopen/html/inicio.php/685/utopia.

LATOUR, Bruno. *Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza do Antropoceno*. São Paulo; Rio de Janeiro: Ubu, 2020.

MORAES, Gisele Senne; COELHO JR., Nelson Ernesto. Três aspectos de Eros com Silvia Bleichmar. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, SBPSP, v. 52, n. 97, p. 133-148, 2019.

NAYER, Pramod. K. Posthumanism. *Oxford Bibliographies*, fev. 2023. Disponível em: <https://www.oxfordbibliographies.com/display/document/obo-9780190221911/obo-9780190221911-0122.xml>.

VAROUFAKIS, Yanis. *Tecnofeudalismo: o que matou o capitalismo*. Campinas: Crítica, 2025.